

AS SAUDADES DO CÉU DO DOUTOR GASPAS FRUTUOSO

*José Luís Brandão da Luz**

Devemos ao Doutor Gaspar Frutuoso, primeiro historiador das nossas Ilhas, o registo circunstanciado dos mais ancestrais modos de vida da sociedade e das realidades insulares, ao longo dos vários livros que constituem as *Saudades da Terra*, assim como a autoria do livro *Saudades do Céu*, que o Instituto Cultural de Ponta Delgada dá à estampa e lança ao público, pela primeira vez, nesta cidade da Ribeira Grande. A sua vida, como é sabido, apresenta-se envolvida por um conjunto de incertezas e lacunas que conferem um carácter um tanto legendário a este importante vulto da historiografia e da cultura. Sabemos que nasceu em Ponta Delgada, no ano de 1522, mas ignoramos o dia e o mês do seu nascimento. Sabemos também que partiu desta ilha para a Universidade de Salamanca, por volta de 1548, com cerca de 26 anos de idade, para tomar o grau de bacharel em Artes, o que teve lugar em 1549, e de bacharel em Teologia, 1558. Neste intervalo de tempo foi ordenado sacerdote na sua terra natal, muito provavelmente no Verão de 1553, com 31 anos de idade, e nesta ilha se deteve durante algum tempo. Entre 1558 e 1560 esteve ao serviço da Matriz da vila da Lagoa e, neste último ano, teria partido novamente dos Açores para se doutorar, muito provavelmente na Universidade de Évora, na opinião do seu biógrafo Rodrigo Rodrigues. Esteve fora da sua ilha até 1565, tendo servido, neste intervalo de tempo, a diocese de Bragança e Miranda, colaborando com D. Julião de Alva na administração e reforma do bispado transmontano. Regressou definitivamente aos Açores, com a idade de 43 anos, para exercer, durante 26 anos consecutivos, até ao seu falecimento, em 24 de Agosto de 1591, o ministério sacerdotal de vigário e pregador desta Igreja de Nossa Senhora da Estrela, Matriz da então vila e hoje cidade da Ribeira Grande.

* Universidade dos Açores.

Conferência proferida aquando da apresentação, pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada, da edição das *Saudades do Céu*, de Gaspar Frutuoso, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Estrela, da Ribeira Grande, a 10 de Dezembro de 2011.

É a partir dos primeiros anos da sua estadia na Ribeira Grande que, como escreve o seu ilustre biógrafo Rodrigo Rodrigues, «o seu espírito começa a estar ocupado com a investigação dos documentos e a colheita de tradições da curta vida histórica das ilhas, cuja colonização contava pouco mais de um século; no período fecundo em que se dedica à observação e estudo da sociedade coeva, em que deve ter percorrido toda a ilha de S. Miguel e algumas outras deste arquipélago, em que esboça enfim o plano das *Saudades da Terra*, fonte única das notícias primevas das mais antigas gerações insulanas, a que só nos derradeiros anos parece ter dado – em parte, apenas – a forma e redacção definitivas. Seria também nessa época de maturação, de tranquilidade e reflexão, que escreveu as obras místicas e teológicas que em dezasseis volumes manuscritos da sua letra deixou aos Jesuítas de Ponta Delgada, e que se não sabe hoje onde param»¹. As obras teológicas ainda foram vistas pelo Padre António Cordeiro quando, após ter tomado em Coimbra, no Colégio das Artes, o grau de mestre, esteve a fazer o *magistério* no Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada, durante 4 anos, de 1664 a 1668, onde teve a seu cargo o ensino das Humanidades Clássicas.

Melhor sorte teve as *Saudades do Céu*, que o Instituto Cultural de Ponta Delgada dá hoje a conhecer ao grande público. A edição do livro dá cumprimento a um projecto há muito acalentado pelo Professor José Enes, que escreveu o estudo introdutório que lhe serve de prólogo, sem que, lastimavelmente, o seu estado de saúde lhe tivesse permitido efectuar a revisão final do texto. Trata-se da transcrição integral dos dezasseis fólios que compõem a obra, manuscritos, nas duas páginas, em letra miudinha e compacta, e que, na ponderada opinião do saudoso Dr. João Bernardo Oliveira Rodrigues, deveria constituir um volume à parte dos que compõem as *Saudades da Terra*, embora a eles ligado «pelas referências que faz à Verdade e à Fama»². Da mesma opinião partilha o Professor José Enes, que considera o monólogo da Verdade e os seus encontros com a Fama, que compõem os quatro capítulos das *Saudades do Céu*, o testemunho que Frutuoso os teria escrito depois de redigir, pelo menos numa primeira versão, o último livro das *Saudades da Terra*.

Nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Frutuoso elabora um longo discurso alegórico centrado na Verdade e na Fama, que se encontram num ambiente bucólico de densos arvoredos e correntes de águas cristalinas, conforme o modelo inspirador da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro. É neste cenário que a Verdade vive refugiada do convívio com os homens, que a não estimam, e se dispõe a contar a história das ilhas e dos dois amigos que figuram como protagonistas do *Livro Quinto das Saudades da Terra*, onde alguns estudiosos de Frutuoso julgam poder encontrar informações de natureza autobiográfica. Este discurso alegórico do início marca o ritmo dos rituais de encerramento das sessões, que, em regra, no final de cada

¹ Rodrigo Rodrigues, *Notícia Biografia do Dr. Gaspar Frutuoso*, sep. da introdução ao *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1991, p. 28.

² João Bernardo Oliveira Rodrigues, «Do Livro VI das *Saudades da Terra*», em Gaspar Frutuoso, *Livro Sexto das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1978, p. XXV.

livro, anunciam a descrição das ilhas que serão apresentadas nas jornadas seguintes, conduzindo assim toda a obra de Frutuoso. Como é sabido, as *Saudades da Terra* concedem particular atenção aos Açores e, dentro destes, à ilha de S. Miguel, que ocupa 3 tomos do Livro Quarto. Para além dos primeiros oito capítulos do Livro Primeiro e do Livro Quinto, é no Livro Quarto que o discurso alegórico assume particular desenvolvimento, o que se compreenderá, no juízo do Professor Enes expresso no prólogo das *Saudades do Céu*, não só por ser o livro que trata da ilha «onde a Verdade residia e mais conhecimentos tinha», mas também, acrescenta de imediato, por «se prever mais preocupantes consequências»³.

A última narrativa em que se encontram a Verdade e a Fama, conforme o prólogo refere, e passo a citar, «vem a efectuar-se já na textualidade das *Saudades do Céu*. O discurso, aí elocucionado, não é o histórico nem o literário, mas somente o alegórico. Todo ele, porém, diz respeito à totalidade do discurso alegórico que enquadra a edição dos seis Livros das *Saudades da Terra*, porque o discurso das *Saudades do Céu* é que dá a chave do completo entendimento de ambos, consumando e rematando a própria alegoria. Em face desta recíproca complementação, nem as *Saudades do Céu* se entendem sem as *Saudades da Terra*, nem estas sem aquelas. Por conseguinte, a interpretação dos quatro capítulos das *Saudades do Céu* só pode ser elaborada interpretando quer o discurso alegórico que editorialmente emoldura os seis Livros das *Saudades da Terra*, quer a alegoria novelesca da História dos dois Amigos»⁴. Destas judiciosas observações, creio que poderemos destacar, como aspectos fundamentais a ter em conta no estudo da obra do Doutor Gaspar Frutuoso, não somente o facto de se tratar de uma vasta e importante obra da historiografia açoriana, o que é comumente aceite, mas ainda o alerta de que, se quisermos fazer justiça à sua complexidade, ela carece também de ser encarada na sua vertente literária, o que já tem acontecido, mas ainda na sua dimensão alegórica e simbólica, o que ainda se encontra amplamente por realizar, mas que o estudo introdutório à presente edição constitui certamente um valiosíssimo contributo.

A versatilidade que o discurso alegórico alcança na obra de Frutuoso reveste, na análise do Professor José Enes, uma peculiaridade que a distingue dos demais, merecendo por isso ser denominado de *alegoria frutuosiãna*. Deste modo, o prólogo constitui um avanço inestimável para descobrir a intencionalidade discursiva da obra e perceber a sua significação. É através do discurso que a nossa linguagem se articula de modo a reflectir ou representar não apenas as configurações que a nossa experiência sensorial apreende, mas também as configurações intencionais que nascem da interioridade da consciência. Porém, para além desta funcionalidade básica da linguagem, em que cada palavra do discurso se ordena a um contexto de referentes que é sugerido ou denotado pela própria fala, o discurso evolui com o intuito de assumir uma arte de bem

³ José Enes, «Reflexões sobre as *Saudades do Céu*», prólogo a Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2011, p. 11.

⁴ *Ibidem*.

falar por meio de artifícios retóricos que mobilizam tropos e figuras de estilo que lhes imprimem um virtuosismo e um forte poder persuasivo e sugestivo. Assim acontece na arte retórica que reveste grande importância nos discursos quer políticos e parênéticos, quer ainda em outras formas de eloquência, como a poesia, o teatro, o romance. Em todas estas modalidades, encontramos sempre a preocupação de transmitir uma mensagem sapiencial, veiculada por personagens cujas narrativas projectam as acções humanas num quadro ideal em que se deve entender o acontecer histórico. Não se trata, por conseguinte, conforme o prólogo esclarece, de narrar os acontecimentos na sua factualidade, mas no que eles devem ser, ou seja, no que é possível e necessário que elas sejam: «Tais personagens podem ser pessoas reais ou fictícias, personificações animais, plantas, forças da natureza e entidades abstractas. Foi à estrutura gnósica de tais discursos que se deu o nome de *alegoria*»⁵. Trata-se assim de um jeito de falar em que, clarifica o prólogo «se diz uma coisa com tal arte que, ao dizê-la, se expressa outra»⁶, o que põe em evidência o poder da linguagem na constituição do mundo e dos acontecimentos. Por outras palavras, poderemos ainda dizer que estamos perante «o discurso narrativo do acontecer humano, tanto dos indivíduos como das comunidades, não na perspectiva da história que cientificamente pesquisa e regista os factos, mas na intuição poética e na crença religiosa, tentando vislumbrar e comunicar os caminhos da salvação e da felicidade. Esta virtuosidade profética é inerente à discursividade alegórica que através da narração de um acontecimento faz os ouvintes ou os leitores gnaros, ou conhecedores, de outros acontecimentos, ligados com o primeiro por vínculos de historicidade»⁷. Pertence assim à natureza da alegoria o facto de o seu discurso ser distinto do sentido literal das palavras que o compõem e da realidade histórica a que eventualmente se reporta. Os ambientes e as acções que são objecto da narração remetem para além si mesmos, não podendo a sua interpretação circunscrever-se ao sentido literal dos discursos que lhes dão expressão. Trata-se pois dum tipo de discurso que configura e dá vida a personagens que desempenham papéis que dão sentido à acção narrada e dão a conhecer a sua intencionalidade.

O discurso alegórico, tal como a metáfora, remete para além do sentido literal que transporta, sendo ambos um modo de significação que nasce da destruição dos campos semânticos que definem as fronteiras do discurso corrente. Mas, enquanto a metáfora procede à transferência dum nome ou dum verbo para coisas ou acções diferentes das que lhes são próprias, sem que haja entre elas alguma relação de vizinhança categorial, a alegoria não procede ao traslado duma significação para um referente que ganha, entretanto, uma significação figurada. No caso concreto da alegoria, ela constitui a narrativa poética ou ficcional (*mythos*) de um acção ou acontecimento que imita, sugere ou revela outra acção ou acontecimento a que se pretende atribuir relevância histórica, e que embora não seja real, será no entanto considerado como possível e desejável.

⁵ *Ibidem*, pp. 14-15.

⁶ *Ibidem*, p. 16.

⁷ *Ibidem*, p.17.

Deste modo, o discurso alegórico, ao construir um mundo poético ou ficcional, tem em vista apontar o caminho da autenticidade do mundo real. Competirá à análise hermenêutica descobrir e entender o sentido desta discursividade simbólica, designadamente, nas *Saudades do Céu*, em que o discurso alegórico da Verdade, por se apresentar como elemento exclusivo e dominante de toda a narrativa, se impõe «como elemento central da obra frutuosiana, não tanto no seu discurso especificamente histórico, sobejamente submetido à ‘verificação’ crítica por parte de tão numerosos estudos (...), mas de modo mais assertivo na descoberta da intencionalidade do trabalho historiográfico do nosso autor quinhentista»⁸. A personificação que Frutuoso faz da Verdade, se era prática corrente na literatura da época, basta lembrar as personificações do teatro vicentino, cumpre propósitos retóricos que a própria personagem vai revelando no seu discurso.

O carácter literário das *Saudades do Céu* ordena-se para «a figuração de duas personalidades [a Verdade e a Fama], modelando-lhes os corpos, infundindo-lhes alma, trajando-as a teor, situando-as e movimentando-as no espaço, conferindo-lhes vida, fala, pensamento e paixões e dando unidade e sentido a todos estes atributos, potências e talentos mediante o seu emprego na definição e no exercício de um papel importante para a vida dos homens, o qual constitui e singulariza a essência de cada uma delas»⁹. A configuração alegórica das *Saudades do Céu* visa revestir de autenticidade o acontecer histórico, ou seja, conduzir a vida por desígnios de Verdade. Aliás, o capítulo segundo procura apresentar, de forma circunstanciada, a natureza da Verdade, proporcionando assim o seu aprofundamento. O autor serve-se desta ocasião para, dentro da conceptualidade mais tradicional da filosofia escolástica, apresentar a Verdade como expressão do Ser absoluto, Deus, simultaneamente, uno, verdadeiro e bom. Com propriedade, somente Deus é a Verdade, que é assim denominada de Verdade incriada. Diferente é a verdade criada, a qual se compreende como adequação entre o que as coisas são em si mesmas e o que o entendimento ou o coração delas dizem. Estas são as verdades dos filhos dos homens que apesar de serem poucas neste mundo, Frutuoso diz que «ainda essas poucas não têm de todo cheia sua valia»¹⁰.

Conhece-se a verdade como se conhece uma moeda: pelo som, pelo peso e pelo toque: «Primeiro no bom som nas palavras verdadeiras, não dizendo mal de ninguém, dizendo bem de todos, e sendo grave no falar, porque como dizem quem muito fala dele dana, muitos néscios cuidam que em falar muito são discretos, mas nisso mostram sua muita ignorância. A segunda no peso, na gravidade dos costumes, e que seja o homem essencial, e não aparente, ou fantástico. A terceira maneira melhor se conhece no toque, se na boa conversação, e contratação, que por afeição não deixe, a verdade»¹¹. Mas em última análise, a verdade compreende-se sempre por analogia ao Ser de Deus, que é o seu analogado principal e de que ela é propriamente a expressão,

⁸ *Ibidem*, p. 20.

⁹ *Ibidem*, p. 22.

¹⁰ Gaspar Frutuoso, *Saudades do Céu*, p. 34.

¹¹ *Ibidem*.

pelo que toda a verdade na terra é sempre um reflexo ou uma participação da verdade increada. Por isso Frutuoso adverte no capítulo terceiro para a necessidade de mudar de atitude em relação à verdade, a quem se deve «ter grande respeito pelo que se deve a Deus, que é verdade increada (*sic*), donde eu trago mais alta e antiga origem, que me criou criada quando temporalmente criou o tempo, que me deu por Pai cá na Terra para me manifestar ao Mundo»¹². Compara, de seguida, a sua missão na Terra à de Jonas, profeta que «figura a Verdade»¹³, diz Frutuoso. Pois, assim como Jonas padecceu diversas tribulações, até ser sepultado nas profundezas do mar, no ventre duma baleia que o engoliu vivo e depois o lançou na praia de Nínive, para cumprir a missão profética que lhe estava destinada, assim também a Verdade é oprimida e perseguida entre os homens, «mas finalmente sobre tudo vence», segundo a promessa de Cristo a quem permanecer no seu amor. Pronunciar um discurso segundo critérios de verdade constitui o imperativo não somente do profeta e do pregador, mas também do homem de ciência, neste caso do historiador que foi o Doutor Gaspar Frutuoso. Através dos vários domínios que foram versados pela prosa histórica, Frutuoso propõe-se contar a verdade sem condições, pois, conforme diz, se alguma condição ela possui «é que se há-de dizer à boca cheia»¹⁴.

O presente livro *Saudades do Céu* compreende-se na continuidade da linha traçada nos primeiros capítulos das *Saudades da Terra* e continuada ao longo da obra, onde sobressai, como tivemos já ocasião de dizer noutra lugar¹⁵, a concepção fundamental sobre o destino do homem e da sociedade. Nas páginas introdutórias das *Saudades da Terra*, Frutuoso traça a orientação a seguir não somente pela pesquisa histórica, a que se dedica, mas expõe também o seu pensamento sobre os princípios orientadores da organização social e da conduta individual de cada pessoa, que deverão ser orientados pelos critérios da Verdade e do Bem. As causas que dão origem ao desconcerto do mundo radicam na desarticulação das potências da alma, isto é, na incapacidade de dominar o acervo de informações registado na memória e de subordinar os impulsos, que nascem da vontade, ao critério da luz esclarecida da razão. Este o sentido das inscrições que, em forma triangular, a Verdade ostenta em sua veste branca: *não digas quanto sabes; não desejes quanto vês; não creias quanto ouves*. O homem decaído poderá escapar às maldições a que ficou sujeito, na medida em que for capaz de subordinar o saber da inteligência, os desejos da vontade e as inclinações do coração à luz esclarecida da razão. Só assim se tornará apto a «saber ver o que vê, ouvir o que ouve, falar o que diz, acertar o que faz; porque, ficando atrás o entendimento, fica nossa vida cega, às escuras, sem tocha, vendo o que não vê, e nosso ouvido surdo, ouvindo o

¹² *Ibidem*, p. 39.

¹³ *Ibidem*, p. 34.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ Cf. José Luís Brandão da Luz, «O homem e a história em Gaspar Frutuoso», em *Revista Portuguesa de Filosofia*, Homenagem ao Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva, Braga (1996) 52, pp. 475 -486.

que não ouve, e nossa voz falsa e enganosa, falando o que não é, e nossa obra errada, obrando o que primeiro não entende»¹⁶.

A realização do homem e o fim da história não se circunscrevem «a uma dimensão meramente temporal nem se compreendem segundo um determinismo de sequências temporais, mas fazem apelo a um eixo de coordenadas orientado na direcção do Bem, que o homem não tem poder para alterar»¹⁷. Este constitui o caminho da reconquista do paraíso perdido, que o capítulo quarto das *Saudades do Céu* começa a apresentar, e em que Frutuoso, como José Enes escreve no final do seu prólogo, «abandona o discurso que pode ser interpretado como justificativo do seu labor de narrador e autor das *Saudades da Terra*, para se preparar como penitente para a passagem para a eternidade»¹⁸. Todavia, o livro teria ficado incompleto, pelo menos, na opinião da maioria dos autores que se têm ocupado de Frutuoso, pois, no dizer eufemístico do Padre António Cordeiro, «para o Céu se foi quando compunha o capítulo quarto»¹⁹. No entanto, tal como chegou até nós, as *Saudades do Céu* constituem um precioso remate para compreender o pensamento e a obra do Doutor Gaspar Frutuoso.

¹⁶ *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, p. 55.

¹⁷ José Luís Brandão da Luz, «O homem e a história em Gaspar Frutuoso», p. 485.

¹⁸ José Enes, «Reflexões sobre as *Saudades do Céu*», p. 25.

¹⁹ António Cordeiro, *Historia Insulana das Ilhas a Portugal Sugeytas no Oceano Ocidental*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1981, p. 497.